

[POESIA]

# OLHARES AUSENTES

Cristiano Nagel

---

[ ] [ ]  
[ OUTRAS ]  
PALAVRAS

Biblioteca  
Paraná **B**



# OLHARES AUSENTES



## Ficha Técnica

### Autor

Cristiano Nagel

### Coordenação editorial

Eliana Cristina Perrinchelli/  
Dali Projetos Criativos

### Coordenação de Produção

Alessandra Pirroncello Bucholdz/  
Conceito Gestão Cultural

### Revisão

Luiz Fernando Cheres

### Supervisão Gráfica

Dyego Marçal

### Editoras Assistentes

Ana Maria Bourguignon de Lima  
Thaís Cunningham Gomes

## Editado por Dali Projetos Criativos

e-mail: daliprojetoscriativos@gmail.com

WhatsApp: (42) 98846-7845

@daliprojetoscriativos

N147 Nagel, Cristiano  
Olhares ausentes [livro eletrônico] / Cristiano Nagel. Curitiba:  
DALI Projetos Criativos, 2025.  
58p; E-book - PDF

ISBN: 978-65-83491-14-5

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Poesia paranaense. 3. I. T.

CDD : B869.1

Esta obra foi premiada pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC-PR) no Edital de Concurso nº 005/2020, Outras Palavras – Prêmio de Obras Literárias. A editora Dali - Projetos Criativos foi selecionada pela SEEC-PR, por meio do Chamamento Público nº 011/2023 - Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias, para a produção da obra, conforme projeto gráfico e critérios previamente estipulados. O conteúdo é de inteira responsabilidade de seu(s) organizador(es) e/ou autor(es).



APONTE A CÂMERA  
DO SEU CELULAR E  
ACESSE O ÁUDIO LIVRO!

# OLHARES AUSENTES

Cristiano Nagel



# SUMÁRIO

|        |    |
|--------|----|
| I      | 6  |
| II     | 7  |
| III    | 8  |
| IV     | 9  |
| V      | 10 |
| VI     | 11 |
| VII    | 12 |
| VIII   | 13 |
| IX     | 14 |
| X      | 15 |
| XI     | 16 |
| XII    | 17 |
| XIII   | 18 |
| XIV    | 19 |
| XV     | 20 |
| XVI    | 21 |
| XVII   | 22 |
| XVIII  | 23 |
| XIX    | 24 |
| XX     | 25 |
| XXI    | 26 |
| XXII   | 27 |
| XXIII  | 28 |
| XXIV   | 29 |
| XXV    | 30 |
| XXVI   | 31 |
| XXVII  | 32 |
| XXVIII | 33 |

|                 |    |
|-----------------|----|
| XXIX            | 34 |
| XXX             | 35 |
| XXXI            | 36 |
| XXXII           | 37 |
| XXXIII          | 38 |
| XXXIV           | 39 |
| XXXV            | 40 |
| XXXVI           | 41 |
| XXXVII          | 42 |
| XXXVIII         | 43 |
| XXXIX           | 44 |
| XL              | 45 |
| XLI             | 46 |
| XLII            | 47 |
| XLIII           | 48 |
| XLIV            | 49 |
| XLV             | 50 |
| XLVI            | 51 |
| XLVII           | 52 |
| XLVIII          | 53 |
| XLIX            | 54 |
| L               | 55 |
| LI              | 56 |
| SOBRE O AUTOR   | 57 |
| SOBRE A EDITORA | 58 |

I.

Perco-me entre dedos do lençol  
e frestas no assoalho.

Bolhas de sabão  
colorem meus olhos

e ferem.

## II.

Olhares ausentes  
em tons de cinza  
seguem o fluxo.

Visões noturnas:  
fumaça-vinho,  
frio-azul.

Não acho teus olhos nos meus.

## III.

A tela cinza  
cria ouvidos  
e dissipa olhos  
por controle remoto.

Comerciais adormecem  
fora do ar.

## IV.

Tem as asas cortadas  
pela língua do homem.

O peso dos anos  
aperta seus pés.

Anseia voar descalça.

V.

Não encontro a saída,  
minha cidade não interessa.

Estrangeiro.

Entre um café e outro,  
espumo palavras.

Paz sem casa.

## VI.

Debaixo da palmeira,  
a paz escondida.

Entre sol e pedaços de fala,  
a praça universal  
cintila coisas pequenas da vida.

## VII.

Tem os olhos apontados em estrelas.  
Experimenta cometas  
e constelações em copos com gelo.

Adormece na água da chuva.

## VIII.

Os pratos  
parecem luas cheias.

Lá fora,

minguam de fome

## IX.

Habita em mim  
a ausência,  
um oco na alma.

Fora, os frios pedra-madeira  
sussurram geadas ao meu ouvido.

Onde os vermelhos

da boca,

olhos,

sangue?

X.

Ela rua,  
pingos de lua na calçada.

Faróis em cardápios da chuva.  
Sinais fechados,  
amarelo,  
verde.

E eu, aqui, parado.

## XI.

Caminho numa rua-retina  
que reflete tempestades.

Olhos fechados pelo medo escuro.  
Encontro vozes perdidas:

trovão,

vento.

Sou eu aqui,

envelheço pálido.

## XII.

Tenho meus pecados  
bordados nas mãos.

A confissão  
corrói meus olhos-penitência.

Alinhavo meus dedos  
num pai-nosso.

Céus, agulhas e améns.

## XIII.

Eu vejo a voz das pessoas  
em letras cinza.

Meus olhos cheiram  
ao primeiro dia de outono.

Entre uma lágrima e outra,  
orvalho as teias.

## XIV.

Na epiderme da máscara  
escondo meu naufrágio.

Sou ilha deserta.

## XV.

Pedras na calçada,  
pés adormecidos.

Debaixo do braço,  
pedaços meus.

A fumaça da boca-chaminé  
amarga olhos.

Transito fora de mim.

## XVI.

Se quero ser livre,  
Arrebento os nós da garganta.

Se quero voar,  
Costuro um livro nas costas

Feito criança.

## XVII.

Entre pausas  
Respiros e soluços,  
Tua saudade me devora.

Sem pedir licença.

## XVIII.

Calado,  
perto do fim,  
ainda resta a fome descalça  
sem sentido.

## XIX.

Atrás do corredor espuma,  
trancado eu.

Entre sagitários e narizes vermelhos,  
amanheço lona de circo.

Sem aplausos.

XX.

Meus olhos têm grades,  
dores em cubos gelo,  
amargo.

Vidraças-íris,  
miragens,  
sem resposta.

Sou metade em cores.

## XXI.

O alimento da força  
preenche meu passado  
com o perfume das mãos.

A vergonha estática  
na ferrugem de mulher.

Mágoas presas num barbante,  
novelo espinho sou.

## XXII.

De noite me visitam  
Coisofobias  
feito o azul bandeira.

É nessa hora  
que brilham as insônias.

Se aconchega no meu peito  
a música fresca  
que invade as narinas.

Meus sonhos são recicláveis.

## XXIII.

Um trago de cachaça,  
desmancha olheiras elegantes  
que carrego no bolso.

Só eu sei das pedras no meu corpo.

## XXIV.

Meu segredo tem segredos  
fora de mim,  
feito gente de espuma  
que não seguro.

O silêncio é nuvem de esperas.

## XXV.

Tens um livro de histórias  
nestes cabelos brancos.

Cada linha da face  
Canta versos maternos.

Olhos de menina  
borram romances e rodapés.

Pedaços de memória  
prestes a adormecer.

## XXVI.

A ventania alaranjada  
abraça meus verdes-claros.

Sou fruta:  
azeda e ácida  
sem sementes,  
gosto.

Amadureço  
a criança de outrora.

## XXVII.

O asfalto palma da mão  
escurece andorinhas  
que sopram meus olhos cata-vento.

Tua pele é língua em brasa  
e eu árvore delírio  
cheio de cupins na alma.

Oco e retorcido esfarelo.

## XXVIII.

Sou animal metafórico,  
quase extinto.

Minimalista.

O mundo cabe no meu quintal  
em peças de quebra-cabeça.

## XXIX.

Tem asas que percorrem  
seu corpo por dentro.

Caramujo,  
leva seu mundo  
em duas corcovas.

Perdido entre estrelas vaga-lume,  
Chora pedaços da alma.

É quase labirinto  
na flor-amarela sem perfume.

XXX.

Sábio é aquele  
que sopra o silêncio.

Vento é aquele  
que silencia o sopro.

Silêncio é aquele  
que sabe o vento.

## XXXI.

Teu destino  
é longe do ventre materno,  
barro que escorre das mãos.

Espiral,  
carrega cacos de silêncio  
para refrescar a alma.

Tem manias de couve-flor,  
Para afogar-se em certezas.

XXXII.

Tenho vontades  
que atravessam paredes no  
sono das horas.

Pelejo contra meu umbigo, em  
retalhos,  
feito cacos de silêncio.

Coisas simples me assustam.

Vermelho,  
anoiteço aos poucos.

XXXIII.

Escrevo cafés  
em uma tarde lilás.

Não jogo mais conversa fora,  
elas voltam para mim em beija-flor.

## XXXIV.

Tem o medo atravessado  
nos olhos.

Às vezes lixo,  
às vezes vazio,  
animal perdido.

Costura na boca  
libélulas de estimação,  
enquanto aguarda o silêncio que abençoa.

XXXV.

Tem o sorriso  
estampado na roupa,  
a beleza bem-te-vi,  
roubada do sol.

Luz que envolve ouvidos e boca.

Borboleta Amarela,  
passeia nos palcos,  
descalça.

Assisto de longe  
pétalas de aplausos  
e lágrimas.

## XXXVI.

O frio de cachecóis  
é líquido em mim.  
Há vozes pela sala-cozinha  
em Atlas nas paredes.

Feriado do tempo,  
a fumaça da chuva  
passeia na cidade  
entre geladeiras azuis  
e sofás vermelhos.

Ainda é sexta-feira

## XXXVII.

Procuro pedaços esquecidos nas gavetas.  
Fios desencapados de memória  
Emudecem meus olhos ainda verdes.

Na parede-oco da sala,  
Tua memória me atravessa.  
Sinto meus pés no chão  
Ainda úmidos.

No reflexo do espelho,  
Fumaça,  
Café,  
Silêncio.

Ainda não encontrei minhas lágrimas.

## XXXVIII.

Entre as pedras da calçada  
Sonhos amassados,  
Desejos não cultivados.  
E aquela menina  
Perdida,  
Pedindo pão doce  
e abrigo.

A multidão  
Esfarela o que resta do futuro-criança.

## XXXIX.

Entre o Chafariz e o Teatro  
A menina constrói  
Castelos com pedaços de papelão.

A lágrima cimenta as paredes  
Ainda frias.  
Tem fome de histórias e abraços.

O Cão, mais sozinho que a menina  
Aconchega aos poucos o coração quebrado.

Não sabe se vira princesa ou adulta.

## XL.

Cabe a mim perceber a ausência de espaços, ou o excesso deles.  
A falta de paredes esmaga meus braços-concreto  
a tal ponto que as penas que recolho dos sonhos  
esfarelam os ossos que ainda me restam.

Durmo na distância entre a grama e o frio.  
Meus pés não me ouvem mais.  
Calo minha fome líquida, com qualquer fuga possível.

É naquela fonte, hoje seca, que tento lavar minhas lágrimas.  
Dói.  
Dói a negativa diária da moeda para a comida que entorpece,  
porque a ranhura não suporta mais o feijão com arroz.

Trago sonhos de papelão debaixo do braço.  
Do meu peito empedrado, só o sangue das feridas alimenta minha cria.  
O pouco calor que me resta aquece e afasta a morte  
— aquela companheira diária — dois passos para trás.

Tento me abrigar do dia, na esperança que o tempo passe logo.  
Continuo dormindo de olhos abertos  
para suportar a bagagem imposta  
e me refugio entre um cigarro e outro  
que o rapaz do ponto de ônibus me oferece a contragosto.

E é quando surgem as estrelas  
que a vida me oferece um lapso de felicidade.  
Meus pedaços estão nos bancos daquela praça.

Ainda não sei porque vivi.

## XLI.

Perdido nas frestas da janela,  
Balanço meu medo na escuridão.  
Preso entre a chuva e o vento  
Anoiteço.

A cada respiração, ainda amarga  
Construo meus castelos no ar.

Mesmo assim as correntes ainda aprisionam  
Minha alma  
Líquida.

## XLII.

A cada passagem do relógio  
Meus olhos estreitam tua distância.  
Entre relâmpagos, vento e frio,  
Tento remendar meu sorriso apodrecido.  
Cada segundo espreme meus olhos mais profundamente.

Um soco no estômago acorda meu olhar-vidraça

Entre cacos e sangue  
Alcanço meu voo.

## XLIII.

Tens um galpão de folhas no peito aberto  
Feito ferida que não constrói.  
Teu sorriso, ainda espaçado  
Arranca olhares de vergonha.

Implodir a alma é o abraço que procuras  
Em silêncio.

## XLIV.

Vejo pingos de lucidez

Pelo vão da alma antiga.

Cada gota destrói um pouco

Do que sobrou do meu futuro.

As frestas, infestadas de juízo

Apagam o brilho dos meus olhos.

Resta pouco da loucura de outrora.

A normalidade me assusta.

## XLV.

Lá longe enxergo os cacos de vidro da minha alma.  
Com os dentes podres pelo excesso de café

sorrir.

O peito ainda arde de inércia,  
preso nos lençóis.  
Animal noturno  
Sem paz.

XLVI.

Despir-se  
Até não restar mais ego.

## XLVII.

Entre camadas de lençóis  
Preso na caixa branca  
Sem futuro

Só o sol lá fora.

## XLVIII.

O que fazer com essa parede de concreto  
Que prende meus braços e  
Acorrenta minha alma?

## XLIX.

Preso entre os lençóis  
Acorrento meus olhos.

Frágil

Fraco

Ainda me faltam asas  
Líquidas  
Pedras

Não lembro quem sou

L.

Na cidade-mofo  
Não brilham mais as calçadas.

Cada gota de chuva  
É prenúncio de catástrofe.

Prisioneira nas janelas,  
Anseia voar.

LI.

A cidade silêncio,  
De dentes podres  
E mortos de frio.  
Do alto do trono  
O palhaço chora  
vaidades. E tu  
continuas aí

Só e

Mal-dito

## SOBRE O AUTOR



Mediador de leitura, ator, produtor cultural e contador de histórias, **Cristiano Nagel** desenvolve inúmeros projetos de incentivo à leitura, livro e literatura em Curitiba e em várias cidades do Paraná. Nascido em Joinville, é ator desde 1998 e trabalha com incentivo à leitura desde 2001. É autor dos livros de poesia *Ensaaios para o 5º Ato* e, agora, *Olhares Ausentes*. Ministra oficinas de formação em mediação de leitura, contação de histórias, escrita e gestão de acervo em bibliotecas. É formado em Artes Cênicas pela UNESPAR (FAP), com pós-graduações em Narrativas Visuais pela UTFPR e Escrita Criativa e Produção Literária pela FAESA.

## SOBRE A EDITORA



A **Dali Projetos Criativos** é uma editora independente, com sede em Curitiba (PR). Nos últimos anos produziu dezenas de obras, principalmente de autores paranaenses. A editora também se dedica à produção de audiolivros com audiodescrição, primando pela acessibilidade dos conteúdos.

Nas últimas duas décadas a produtora cultural Eliana Cristina Perrinchelli, fundadora e diretora da Dali, também se especializou na gestão financeira e de execução de projetos, por meio de leis de incentivo federal, estaduais e municipais.

Acompanhe os trabalhos da editora pelas redes sociais:

**@daliprojetoscriativos**

## SINOPSE

O que se esconde debaixo da pele do poeta senão tinta? *Olhares Ausentes* é uma obra poética introspectiva que explora, com delicadeza e profundidade, os sentimentos de ausência, saudade e solidão. Com uma linguagem visual marcante e cheia de metáforas, o autor conduz o leitor por cenários urbanos e interiores que espelham emoções fragmentadas e reflexões sobre o tempo, a perda e a identidade. Cada poema parece capturar momentos fugidios de dor e esperança, nos quais o cotidiano e o existencial se entrelaçam. As imagens de ruas, janelas e corpos perdidos refletem uma busca constante por pertencimento e significado, em um mundo de olhares distantes e realidades desfeitas. *Olhares Ausentes* é um convite a mergulhar em versos que, como espelhos, nos revelam camadas profundas da alma humana.

[POESIA]

